



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

GABRIELA BARBARA RODRIGUES DE LIMA

**O CAMINHO DA *SALDADE*: DA POESIA ATÉ O VIDEOCLÍPE VIVENCIANDO
SAUDADES**

Santo Amaro da Purificação

2023

GABRIELA BARBARA RODRIGUES DE LIMA

Memorial

**O CAMINHO DA *SALDADE*: DA POESIA ATÉ O VIDEOCLÍPE VIVENCIANDO
SAUDADES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Superior Tecnológico em Artes do Espetáculo do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito para a obtenção do grau de Tecnólogo em Artes do Espetáculo.

Santo Amaro da Purificação

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Bahia e os sentimentos que ela me proporcionou, agradeço a minha família que me calçaram para pisar neste lugar, Sergina, Sergio, Ana Lucia, Rute, Nicola pai e Nicola filho vó, mãe, vô e tio. Khadija Alves, Daniela Mueller, Regiane Corrêa, Renata Sotero, que de longe proporcionaram afeto e *SALdades*, Maria Luiza e Isa Sabino por fazerem eu relembrar a minha história. Agradeço a Deivison Oliveira, Priscila Teixeira, Ray Rodovalho, Ana Andrade, Big D, por serem artistas inspiradores e afetuosos durante o meu trajeto, Murilo Viola, Lucas Nascimento, Claudia Regina, por terem semeado cada trabalho que realizamos, a banda Dj Lerry, Charlayne Nascimento, They Nascimento, Berg Ferreira, por terem se dedicado a cada ensaio me escutando com atenção. Phillype, Leinne Portugal, Maria Struth, Ana Jéssica, Mayane pelas trocas e incentivos. Ellen Mello por ceder o transporte para viabilizar a gravação.

A todos os artistas com os quais troquei, aprendi, que eu confio e que confiam em mim de volta, e que fizeram parte dessa construção em momentos diversos.

Agradeço às professoras Carol Diniz por empoderar a artista Gabi A Barbara, Rita Dias pelas aulas que me fizeram sentir *SALdade* da minha origem, Paula Alice pelas estratégias, Claudia Salomão por ser uma referência de profissionalismo, Mariana Terra por ter me conduzido fora da caixa. A todos os professores que compartilharam seus conhecimentos nessa trajetória. Agradeço a Larissa Lacerda por me orientar nessa última parte da minha primeira formação acadêmica, agradeço pela coragem de ser acima da média do que lhe é determinado.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus irmãos Northon e Ruswell, que são minhas *SALdade*, e Jaques, que é minha maior *SALdade*. Vocês fazem parte das minhas lágrimas e do meu orgulho.

Para minhas crianças, para as quais serei ancestral, Ana Livia, Rebeca Lima, Filipe Lima, Manuelle, agradeço aos movimentos que vocês proporcionam nos nossos reencontros após longos períodos de *SALdade*.

RESUMO

Neste memorial de conclusão de curso, apresento o processo de criação da canção e do videoclipe da música *SALdade*, de minha autoria e interpretado por mim, Gabi A Barbara, desde a abstração do sentimento, até a concretização das obras. Reflito sobre a saudade me apropriando de um neologismo poético a partir da palavra *SALdade* como motriz desse processo de criação. Elaboro as conduções feitas pelas minhas ancestrais, para que eu pudesse estar aqui me construindo como cantora e compositora, e como multiartista. Apresento sentimentos, técnicas e referências que dialogam com as minhas perspectivas musical, visual e sensorial tanto para a gravação da música *SALdade* quanto para a construção e gravação do seu videoclipe musical. Trago como referência musical os artistas brasileiros Rashid e Luedji Luna. Rashid por elaborar em suas composições histórias de trajetória de vida, semelhante a minha. E Luedji Luna especialmente em relação ao videoclipe dirigido por Joyce Prado. Trago também Audre Lorde como grande motivadora das minhas realizações artísticas. E trago reflexões sobre a experiência da direção de arte do clipe feito com baixo recurso.

PALAVRAS-CHAVE: Saudade; Processo de criação videoclipe musical; Gravação da Canção.

ABSTRACT

In this final year memoir, I present the process of creating a song and a music video for the song SALdade, written and performed by me, Gabi A Barbara, from the abstraction of the feeling to the realization of the works. I reflect about longing, appropriating a poetic neologism from the word SALdade as the driving force of this creation process. I elaborate the conduction done by my ancestors, so that I could be here building myself as a singer and composer, and as a multi-artist. I present feelings, techniques, and references that dialogue with my musical, visual, and sensorial perspectives for both the recording of the SALdade song and the construction and recording of its music video. I bring as musical reference the Brazilian artists Rashid and Luedji Luna. Rashid for elaborating in his compositions stories of life trajectory, similar to mine. And Luedji Luna especially in relation to the music video directed by Joyce Prado. I also bring Audre Lorde as a great motivator of my artistic achievements. I also discuss the experience of the art direction of the clip made with low resources.

KEY WORDS: *Saudade; Music video creation process; Song Recording.*

SUMÁRIO

1. SOBRE NÓS NÃO É SOBRE ELES.....	6
2. ANTES DO ARCO A FLECHA.....	11
3. DIÁLOGOS E REFERÊNCIAS: TEXTO, VISUALIDADE E ORALIDADE.....	14
3.1 Rashid.....	14
3.2 Luedji Luna.....	16
3.2 Audre Lorde.....	16
4. COMO DAR AR AS PALAVRAS: DA SAUDADE ATÉ A SALDADE.....	18
4.1 Vivenciando saudades.....	18
4.2 O sal da SALdade.....	25
4.3 Direção de arte.....	28
4.4 A gravação.....	31
4.5 Fichas técnicas.....	33
4.5.1 Ficha técnica da gravação da música SALdade.....	33
4.5.2 Ficha técnica do videoclipe.....	33
4.6 Do show ao vídeo clipe.....	34
5. CAMINHOS DA REALIZAÇÃO.....	40
5.1 Tenho me amado bem mais.....	40
5.2 Pra quem é intervenção militar?.....	42
6. DESEJOS FUTUROS.....	45
6.1 A proposta de realização do show.....	45
6.1.1 A luz.....	45
6.1.2 Proposta de cenário e estudo de palco.....	46
6.1.3 Figurino.....	46
6.1.4 Acessórios.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

1. SOBRE NÓS NÃO É SOBRE ELES

Neste tópico, vou rememorar o meu percurso, desde a minha chegada no CECULT - Centro de Cultura Linguagens e Tecnologias, passando por trabalhos que desenvolvi dentro do campo acadêmico que foram significativos para o desenvolvimento profissional que venho traçando, até a elaboração e apresentação do projeto artístico final a partir da canção *SALdade*, que culmina neste Memorial cheio de *SAL* em lágrimas, suores, desafios e aprendizados.

O caminho da saudade se faz a partir da minha mudança de estado, de São Paulo para a Bahia, mais precisamente para o Recôncavo Baiano, na cidade de Santo Amaro. Cheguei para estudar no curso de Tecnologias das Artes do Espetáculo, o ano era 2019. Escolhi a Bahia para estudar porque vivenciei em janeiro do mesmo ano quinze dias de férias e foram as férias mais incríveis que vivi.

Quando chegou o momento de me inscrever no SISU (Sistema de Seleção Unificada), pesquisei quais os cursos que tinham na área das artes no estado da Bahia, e, sinceramente, escolhi este porque achei que não seria possível ser aprovada em Produção Musical. Apesar disso, fui me sentindo contemplada com o que o curso oferecia. Fui entendendo na prática que o curso era novo e estava em desenvolvimento, além de estar em processo de validação pelo MEC, e que eu faria parte da primeira turma de tecnólogos em artes do espetáculo do Brasil, um curso pioneiro na formação de artistas técnicos.

No ano que cheguei na Bahia, ainda fiz algumas viagens para São Paulo a trabalho, fazendo a operação da trilha sonora, da peça: “Ialodês: Um Manifesto da Cura ao Gozo”, da CIA de Arte Negra Capulanas, grupo feminino de teatro negro em São Paulo, formada por Adriana Paixão, Flávia Rosa, Carol Ewaci Rocha, Débora Marçal e Priscila Obasai, com texto de Dione Carlos. Em forma de fábula, que conta a história de cinco mulheres abelhas-rainhas que governavam a colmeia/cidade, herdada por elas de suas ancestrais. As guerreiras lutavam para preservar as riquezas deixadas por sua avó e mãe, que as ensinaram o valor do mel, do ouro e da música. Lembro que cada vez que assistia essa peça sentia uma coragem interna. Uma cena que tenho em minha memória é o ritual de cura de Oni, em que uma das personagens que revive um evento que após sofrer um acidente não conseguia mais tocar seu instrumento, mas toda vez que o corpo dela ouvia um instrumento seu corpo se curava, e durante o ensaio da colméia a outra abelha, Asali, criou um manifesto, onde Abayomi perguntava para quem era este manifesto e para todas as rainhas: “Sobre nós, não é

sobre eles, talvez por isso não nos toleram", esse trecho do texto, ressoa em mim até hoje em todos os momentos que preciso falar sobre minha trajetória.

Durante o curso eu me abri as múltiplas linguagens do espetáculo, assim como compreendi que espetáculos são obras distintas, evento de rua, show em estádio, teatro de rua, etc. Tudo o que comporta a noção de apresentação. Os componentes que mais senti meus olhos brilharem, por estarem bem próximos ao que já tinha vivenciado no curso de Sonoplastia na SP Escola de Teatro, foram: Luz e Performance, Tecnologias AudioVisuais, Cenografia e Figurino. A iluminação me despertou uma curiosidade incrível. A partir de uma ideia de luz, elaborei uma performance com um imaginário canhão seguidor feito com uma lanterna que acontecia ao som de algumas cantoras de RAP. Eu entrava em várias salas interrompendo as aulas. Queria fazer uma provocação contra a instituição acadêmica e o apagamento de intelectuais negros. Dali em diante, todos os semestres eu elaborei pensamentos para iluminação. Criei uma luz para a peça Boqueirão. Boqueirão tratava sobre o roubo das terras quilombolas e dos povos originários, falava sobre as queimadas nas matas e a poluição dos rios. Utilizamos como recurso de iluminação velas e um único refletor de jardim no chão que fazia a luz de contra. A ideia do cenário era representar um mangue. Apesar de não termos recursos, nem equipamentos, apesar da precariedade de um curso novo diante de todo o desmonte da universidade pública, desde o Golpe contra a presidenta Dilma Roussef, culminando no governo Bolsonaro que almejava destruir o acesso gratuito a educação em seu projeto político. Foi ali minha primeira aparição dentro de um espetáculo na Bahia, peça dirigida por Lua Candeia, com atuação de Terra Queiroz e Wesley Nascimento. Ali no palco eu me senti em casa novamente, porque o medo de chegar em uma cidade nova e estabelecer novos contatos artísticos e profissionais. Ali pude me enxergar novamente.

Outro momento importante foi o componente de Audiovisual porque me abriu um universo de possibilidades. Durante as aulas, aprendi noções básicas do audiovisual, desde pensar planos e cenas, até a possibilidade de elaborar uma narrativa através da câmera. Eu que já era muito admiradora de videoclipes musicais, fiquei muito contente com uma das primeiras referências que a professora Renata Gomes apresentou em aula, o clipe "Um corpo no Mundo", de Luedji Luna, com direção de Joyce Prado, que, inclusive, havia sido aluna da professora Renata Gomes. O contentamento e a identificação aconteceram especialmente por ser um clipe em que duas mulheres negras estavam interpretando e dirigindo o clipe. Eu já gostava do clipe e foi impactante vê-lo na sala de aula. Assim, esse clipe se tornou uma das nossas referências neste trabalho. A minha formação foi vivenciada de forma presencial e

remota devido a pandemia, um verdadeiro desafio, já que o curso foi pensado para ter componentes práticos. Alguns componentes deram certo no formato remoto, em outros, tive dificuldade de assimilar o conteúdo. Por outro lado, o que aconteceu nesse período foi um aumento das criações audiovisuais, e logo no primeiro semestre de dois mil e vinte, durante o isolamento social, com meu amigo e artista Deivison Oliveira, elaboramos um vídeo poesia, “Começar do começo”, com uma poesia de minha autoria. Ali exercitei a elaboração do roteiro, que retrata a minha rotina, a que precisávamos seguir mesmo com a pandemia. Falava sobre ter esperança de continuar nossas vidas, e recomeçar. Esse vídeo foi utilizado para convidar as pessoas a me acompanharem na estreia do meu canal do Youtube.

Neste caminho também fiz alguns cursos fora na faculdade que dialogavam diretamente com a minha formação, e após um ano de pandemia em dois mil e vinte e um, passei no processo seletivo do projeto Ilumina!, que teve como objetivo instrumentalizar mulheres da Bahia a desenvolver um olhar sensível para a arte de iluminar e construir projetos de luz em diversas circunstâncias: em casa, para a câmera ou dentro do teatro. Como orientadoras do projeto tínhamos Milena Pitombo, Maria Carla e Larissa Lacerda, com quem, em dois mil e vinte e três, reencontro no CECULT, se tornando minha orientadora deste processo artístico e memorial de conclusão. O material desenvolvido dentro desse projeto foi um vídeo intitulado “Algo por esperar”, composição audiovisual pensada a partir da luz, de observações minhas de como corpos pretos são iluminados socialmente e como algumas luzes perseguem um determinado grupo. Nesse trabalho, utilizei a luz vermelha e azul simbolizando o giroflex dos carros de polícia, e pensei a iluminação como trama e dramaturgia da música “A cena”, de Rashid com Participação de Izzy Gordan, e tive a primeira experiência em montagem e edição de vídeo, conduzido por Ray Rodovalho artista esta que também fez a captação do vídeo. Rashid também é um artista que admiro e é referenciado neste trabalho, pois durante os processos de distanciamento dos meus irmãos, a sua composição “Crônicas da Maldita Saudade” foi trilha sonora da minha vida. Este projeto teve um desdobramento em novembro de dois mil e vinte e dois, como instalação, em um momento em que eu estava de luto e sentia que precisava ocupar minha mente. Aconteceu no orelhão que fica em frente ao portão principal do CECULT. Pendurei um monitor de PC, coberto com um voal preto que fazia um isolamento dentro da cabine telefônica. Ali a pessoa podia entrar, colocar o fone de ouvido e assistir ao vídeo.

A partir das experiências com a iluminação, alguns caminhos se abriram, fui convidada por Joel Carlos para fazer parte da Coletiva Insurgente de Teatro, composta por artistas de

Feira de Santana, as minhas funções eram criar e operar a iluminação do espetáculo Travessia. A companhia não tinha recursos financeiros, mas a garra de Joel fez a gente entrar em cartaz no SESC Feira Centro, de Feira de Santana, e através da bilheteria, conseguimos arcar com a ajuda de custos. Entramos em cartaz duas vezes e, no decorrer das apresentações, entendemos que era preciso uma direção técnica, função que eu ia desenvolvendo a princípio por necessidade de organização, porque a equipe técnica estava adentrando ainda nessa área. Apesar de ter sido a primeira vez que fiz a operação de luz em uma mesa de iluminação mais sofisticada, a orientação de Tom, o técnico de luz da casa, contribuiu bastante na primeira temporada e voltei para a segunda temporada, mais segura. O mais importante para mim, nessa experiência foi estar em movimento, atravessar, rasgar a voz, projetar e planejar, imaginar e compor com a memória através da luz. Ali aprendi a tirar as ideias do papel e ter coragem de chamar uma equipe para fomentar as minhas ideias.

Algumas dessas experiências foram vividas fora da universidade, mas dentro do meu processo de formação, eu entendia a universidade como o lugar que eu podia voltar e me permitir ter dúvidas, fazer perguntas e cultivar incertezas.

Além da luz, nos componentes de cenografia, por exemplo, meus interesses foram: a lida com ambientes não-convencionais, a prática do desenho técnico, os mapas de palco, e, especialmente, como cada proposta que se tem nas visualidades precisa contribuir com o contexto narrativo da obra em questão. E assim também me senti em relação aos componentes de figurino e suas elaborações.

Vindo de uma trajetória de estudos nas artes, onde a música sempre esteve presente, desde as aulas de piano na adolescência e formação Técnica em Regência Coral em Sonoplastia, meus ouvidos sempre estiveram abertos para a música. Então sempre que tinha disponibilidade eu me matriculava em algum componente do curso de música, e dessa maneira fiz amizades com os estudantes de música e quando tinha algum convidado especial nas aulas, meus colegas me convidaram para assistir.

No penúltimo semestre vivenciei a música mais de perto. Me inscrevi no projeto de extensão *Música e Educação*, e fiz parte do coletivo Xaréu, como pianista, onde tive a oportunidade de participar do festival Paisagem Sonora. O coletivo era composto por mais de vinte músicos, tocando música regional e desenvolvendo experimentações de composições de alunos. A experiência foi transformadora para mim, sendo a primeira vez em que pude tocar com tantas pessoas. Nesse processo, eu sempre observava e pensava em como seria interessante a apresentação ter um formato mais elaborado cenicamente, com entrada e saída

dos instrumentistas, uma identidade visual que pensasse desde o figurino até o cenário, e que dialogasse com as ideias do coletivo.

Venho compreendendo que o meu pensamento e meu olhar dentro e fora do curso me guiaram para uma visão ampliada em relação a produção de shows musicais e teatro. Nesse percurso, vale destacar a importância das aulas de direção técnica, onde a professora Cláudia Salomão sempre apresentava os rider técnico de trabalhos que ela já tinha desenvolvido, assim como as visitas técnicas ao complexo do TCA proporcionadas pela professora.

O desafio nesse processo foi sair dos bastidores e me expor, expor minhas canções nos shows de experimentações, me expor diante da câmera na live que foi criada juntamente com o coletivo Grão, ter intimidade e seriedade na frente da câmera e serenidade na hora de cantar e gravar. Foi um desafio assumir essa posição de autora, compositora, multiartista, ainda é, e sinto que vai continuar sendo. Viviane, a mulher responsável por cuidar da minha mente, me lembra sempre: “Escolher uma coisa só é muito cristão, é o cristianismo que aponta um só caminho, uma só verdade, o binarismo, o bem e o mau”. A nossa vida não precisa ser binária, e é melhor que não seja.

Foi um desafio, mas eu estava com *SALdade* da Gabriela Barbara de dois mil e dezoito, que se apresentou no festival Sonora, em Santos, que ao lado de Amanda Gasparetto na guitarra, uma multiartista também, apresentamos minhas composições, nesse festival em São Paulo, voltado somente para mulheres compositoras. Nessa experiência, foi importante para mim o feedback que recebi de Amanda, que também foi a produtora local desse festival: fui a única cantora que se apresentou ao lado de instrumentistas mulheres naquele festival. Isso realmente já era prioridade para mim. Trabalhar com mulheres. Naquele momento, fiquei mais intrigada ainda desejar ter no meu ciclo de convivência mulheres cis e trans e pessoas não-binárias, fazendo parte de todos os projetos em que eu estivesse.

Após esse desbravamento e expansão em outras áreas artísticas e de um hiato musical, volto nessa finalização de ciclo a um lugar almejado e apresento aqui, neste memorial, o processo de criação do videoclipe musical, onde atuei diretamente e indiretamente em todas as frentes de trabalho que foram necessárias para a sua realização.

2. ANTES DO ARCO A FLECHA

Antes do arco a flecha. Antes de Gabi a Barbara, apenas Gabriela Barbara: na imensidão das coisas que se tem dentro da cabeça e na velocidade que a cabeça tem de se pensar nas coisas, pensa esta cabeça no presente para dizer quem sou. Mas antes do arco a flecha. O arco de Sergina, mais conhecida como minha vó, aquela que vós, ainda, talvez, não conheça, mas ela quem me deu voz e vozes, e as vozes que ouço dentro da cabeça, sempre que me perco. Ela quem me deu as madeiras para criar meu arco e ensinou onde mirar minha flecha. Voz mansa e firme, gestos mínimos e fortes, fortes o suficiente para apertarem minhas orelhas até arder porque eu a respondia, como criança malcriada, em movimentos nem tão expansivos, mas nem tão invisíveis. Tem gesto que copio até hoje: escorar o cotovelo direito na mesa, enquanto levo a comida até a boca com o garfo e espero, pouso os cotovelos enquanto mastigo.

Mastigar, ela nunca me deu a vida mastigada, ela fez eu me esforçar bastante, para ter dentes fortes o suficiente para morder, e abocanhar a vida. Eu elevo meus olhos do mesmo jeito que ela levantava, seguro o riso na base do deboche, igual ela segurava. Onde eu quiser ir eu mesma vou me guiando, ela me ensinou a andar de metrô sozinha, aos onze anos, porque eu tinha aulas de piano, do outro lado da cidade, e nem todos os dias ela tinha saúde para me acompanhar.

Quando ela cantava eu ouvia a voz firme, quando ela ria as mãos se juntavam e o pescoço ia para trás também, o riso dela era a coisa mais linda, largo, largo, largo o sorriso e larga a vida, mas ela não largava era os netos. Em todas as feiras ela comprava a minha fruta favorita, manga. Ela era festeira, boleira, trabalhava fazendo bolo para quem casava, para as festas da igreja e também para todos os aniversários lá de casa, tinha bolo, praticamente todos os meses, já que lá em casa tínhamos o time dos zodíacos, e ela era ariana, por isso essa personalidade minha tão intensa. Enquanto ela fazia o bolo eu ficava ajoelhada na cadeira, observando e aprendendo. Ela fazia um doce de figo, maravilhoso, que meses depois de já ter ido, ainda tinha no freezer que ela vendia sorvetes, um balde de doce de figo, onde ficamos comendo em câmera lenta, por meses, para ainda ter o sabor da última coisa que ela cozinhou. A SALdade da comida, que ela cozinhou.

Quando falo de "vozes", em mim canta a voz emblemática de dona Sergina: "vá olhar seu tio trocar o chuveiro" e minha resposta ser - não precisa, serei rica e terei dinheiro para pagar quem conserte o meu chuveiro; e ela me responder - "VÁ APRENDER a trocar o chuveiro

porque mesmo quando for rica, precisa saber se a pessoa está fazendo certo”. E nasceu uma eletricista. Eletricista no sentido de dar à luz as minhas ideias. E tudo isso é também o que eu canto, ainda para mim mesma, nesse momento presente, tentando acolher todas as vozes da cabeça que acham que podem ficar presas dentro da cabeça e dentro do sonho no sono, mas não é mais possível dormir antes de sonhar.

Compreendo que hoje preciso aprender o que é possível, mas estar onde eu estou, criando e defendendo uma tese sobre composições e interpretações minhas é simplesmente a flor que floresce no meio de uma pedra, uma pequena raiz que fincou e uma raiz muito forte que se perpetuou e está ali, minha avó me deu esperança, de fazer tudo o que eu quero e faço, que tudo é possível mesmo estando dentro de uma pedra, e mesmo que a flecha para se atirar no arco esteja sendo construída, ainda sim é possível arremessar a pedra, ou se lançar da pedra e quem sabe ser água mole em pedra dura.

Tenho em mim todos os sonhos do mundo, protejo-os como se fossem únicos e mais, tenho em mim todas as raivas passadas, o movimento de desatenção para os sonhos, esta se invertendo, e neste momento o rio que muda de direção a medida que a maré sobe. A autonomia sendo criada, após esse momento de desmembramento da vida que existia ao lado de vó, agora somos eu e o mundo e as realizações concretas, tocáveis, assistíveis, audíveis .

A densidade e profundidade, sol, ascendente e vênus em escorpião, nascida em um do onze, o signo da renovação, da intensidade, fidelidade, sexualidade e criatividade. Dizem as pessoas amantes e estudiosas de astrologia que quanto mais desse signo se tem no mapa, mais se intensifica a personalidade que ele caracteriza. Seria eu, essa que canta para dizer o que sente, e sente para escrever o que canta. Que observa as vidas passando e escreve, compõe como forma de aconselhar, que dispersa para ajudar o outro e se distrai para ajudar a mim mesma.

Mas Gabi A Barbara é a autonomia que se cria para desvincular de Gabi, Gabriela. Precisei inventar um artigo A para construir a personagem que canta no palco e que se enfrenta. O meu nome é em homenagem à irmã dela, ou seja, minha tia avó, outra Gabriela Barbara. A Bárbara surgiu a partir da palavra grega bárbaros, a partir de barbar, que significa "língua incompreensível". Dessa forma, tem como significados associados “estrangeira” e “forasteira”. "Bar-bar" era o que os gregos diziam que ouviam quando não entendiam os estrangeiros falando. Barbárie e barbaridade, a “brabeza”, a braba, a braveza, a branda, a bruta, a beleza, a bi, aquela que não é bárbaro a que utiliza da linguagem da música para se ter o afeto. Uma pequena distância que se cria, entre o rio e margem, à margem talvez seja a

Gabriela Barbara e o Rio Gabiabarbara (talvez). Gabriela Barbara é uma família perto, sendo chamada de Babi, de Gaybis, de Biela. E Gabiabarbara é a SALdade da família, a distância que precisa ter para ser, é o mergulho em alto mar, e Gabriela Barbara é o mar batendo no peito, com toda a segurança que se tem caso a onda chegue e mesmo sabendo nadar ainda é possível se salvar. Gabiabarbara é a coragem, de, mesmo não sabendo nadar, pula do alto das pedras. Das pedras que foram à terra para florescer. Gabriela Barbara chega tímida, e Gabiabarbara é a que perdeu a timidez depois de duas doses de cachaça Gabriela, Cravo e Canela. E enquanto escrevo me acho, me defino para me recordar, sem recorte, me afirmo para depois poder visualizar que mudei, e já não nasci assim e muito menos dizer que morrerei assim, quem dirá ser sempre assim.

Poucos me chamam de Barbara, nem eu me reconheço quando Barbara está sozinha, procuro em volta quando ouço e está sendo direcionado a mim. Mas Gabiabarbara, sem assento, já é aclamada. Gabiabarbara é o redemuinho do Rio, por cima se move e por dentro até afoga. Todo um desmonte, para não achar que é arrogante demais, autoconfiante demais, mas a quem interessa a minha timidez, e diminuição? A quem interessa minha pele não brilhar tanto, meu cabelo não armar tanto, meus lábios não salivarem tanto? A quem interessa se não a cor que se esconde em volta da menina dos olhos? Gabiabarbara estuda a si mesma, procura no corpo o que está sentindo em cada momento de interpretar a canção, Gabriela Barbara carrega o mundo, GabiaBarara filtra o mundo, nem tudo é dizível, e visível, Gabriela Barbara nasceu em SP Gabiabarbara e nasce na Bahia.

Sendo assim, sabendo quem sou, podemos seguir dizendo de onde eu vim e das coisas que fiz e faço.

3. DIÁLOGOS E REFERÊNCIAS: TEXTO, VISUALIDADE E ORALIDADE

Muitas são as fontes das linguagens que bebo, consumo diversas áreas, músicas, livros, peças teatrais, o que influencia diretamente nos processos criativos e também nos exercícios de composição. Apresento Rashid, através da escrita de RAP, Luedji Luna com a visualidade do seu clipe, e Audre Lorde com a oralidade e domínio da poesia.

3.1 Rashid

Conheci o foi o rapper paulistano Rashid pessoalmente em São Paulo, no ano em que me mudei para a Bahia, ganhei o livro *Ideias que Rimam Mais do que Palavras* autografado, uma camisa e um chaveiro da marca dele *Foco na Missão*, ele me parabenizou por ter passado na universidade e me desejou boa sorte. Cada capítulo do livro dele é uma música, e ele descreve em qual ocasião aquela música foi composta.

Aqui eu reflito sobre minha identificação com o teatro hip hop na sua forma de construção e como acredito ser necessário a construção em conjunto.

Pensar o espetáculo como se pensa o teatro hip hop ‘ as companhias quando vão iniciar um novo projeto costumam dizer que vão ‘montar’ um peça. No teatro hip-hop, o conceito é radicalizado e o processo todo se dá como se o espetáculo já existisse em algum lugar, pulverizado em partes ‘desmontadas’ e espalhada em dramaturgias, livros, músicas, filmes, pedaços de tecidos e outros materiais, memórias, atuações, imaginários, sentimentos e pensamentos de todas as épocas em que o homem esteve presente, inclusive no presente e no futuro”. (D’ALVA, 2014).

Esse mesmo artista compôs a música *Crônica Maldita da Saudade*, juntamente com Di Mello, onde integra o álbum *Confundindo os Sábios*, álbum de dois mil e treze. Acompanho a discografia dele muito antes de criar *SALdade*, e utilizei a letra dessa música para escrever nas cartas que enviava para os meus irmãos. O que observo na construção dessa composição é como ele elabora um pensamento, e só indica quem é o sujeito no final da música.

CRÔNICAS DA MALDITA SAUDADE (Rashid e Di Mello)

Ela vem sorradeira e castiga
Bem companheira, corrói e mastiga
intriga e dói, dói na alma porque desliga
Você de algo que seu coração 'inda abriga
É tipo, ir embora ou irem embora, ora

Só que o mundo é tão grande lá fora
 É egoísmo seu querer alguém pra sempre do seu lado
 Esse é o final do filme que deixa seu olho marejado
 Eu mesmo já protagonizei, tantos finais que sei
 Essas idas
 E vindas me tornaram expert em despedidas, espere
 Por mais calejado que eu seja, ainda fere
 Reles, mortal, zeles pelo que tem na mão
 Minha vida é andar por aí igual gonzagão
 Vivão... Só trago uma denúncia em tom de queixa
 Essa maldita saudade que não me deixa
 Ela aperta o peito, vela, põe no leito
 Sela, um nó que num pode ser desfeito
 Ela causa efeito, gela, que despeito
 Trela, põe marmanjo pra fazer tudo do jeito dela
 Viu? Onipresente
 Vai, com quem partiu e geralmente
 Quem fica também sente
 Um vazio que escraviza
 É a presença de tudo, menos daquilo que você mais precisa
 É a passagem de volta antes mesmo da ida
 A mensagem não lida, a ligação perdida
 A direção divina na mente
 É bonito na teoria, mas na prática é bem diferente
 Entende? Combustível só pra quem já vive
 Difícil escapar, mesmo sendo tão previsível
 Saudade, lá vem a fera que devora
 Quem me dera, pudera eu matá-la agora
 Olha essa saudade
 Que devora, e que deflora
 O meu coração, dói maltrata
 Desarvora, é sem compaixão
 Estremece e que machuca
 Causa mesmo uma devastação
 Traz revolta e as vezes tédio
 Também muita mortificação
 Acarreta sofrimento deixa um
 Mar de solidão - quanta devagostenia
 Que tormenta que desolação
 Maldita saudade

A forma como ele descreve a saudade se tornou intrínseca na minha vida. No período de lançamento da música, há dez anos atrás, essa música tocava no meu celular todos os dias, e eu vivia a intensa saudade. E no livro autobiográfico “*Ideias que rimam mais do que palavra*” ele pontua que escreveu essa música para a família dele que morava em Minas Gerais e ele precisou se mudar para São Paulo para viver o sonho dele de ser rapper.

3.2 Luedji Luna

A música “Um Corpo no Mundo” que foi o primeiro single que Luedji Luna lançou, junto com clipe com direção de Joyce Prado, que viralizou na internet. Luedji conta que quando saiu de Salvador, a cidade mais negra fora de África, e chegou em São Paulo com o foco de fazer a carreira na música, ela se encontrou sozinha. Além de não se ver visível na cidade por não ver corpos igual ao dela. Ao mesmo tempo, como morava na Barra Funda, ela se deparava com o grande fluxo de imigrantes haitianos e africanos de várias áfricas, e se questionava a qual África ela pertencia. Qual era o lugar do corpo dela, negro e diásporico, onde ela não se via. A partir dessa reflexão surgiu a composição “Um Corpo no Mundo” que se desdobrou no clipe feito por uma equipe majoritária de mulheres negras. Luedji aponta que Joyce sempre soube ler as ideias e se apropriar, e com uma preparação corporal de Luciene Ramos, elas estabeleceram as ruas do centro da cidade de São Paulo como cenário. Luedji elabora sobre o não lugar da diáspora e eu observo sobre como encontrei um lugar num movimento inverso. Assim como os artistas que eu admiro precisaram fazer o caminho para o sudeste para a expansão artística e pessoal das suas obras, eu precisei migrar para o nordeste, me entender, me ver nos santamarenses me sentir acolhida, para me construir, e expandir artisticamente. Acho importante pontuar que o período em que me mudei, foi justamente no ano de posse do governo que estava intencionado em destruir a cultura, com certeza, conviver com a cidade de São Paulo, durante o período em que o governo de extrema direita presidiu o país não me faria a artista que sou hoje.

3.2 Audre Lorde

Em dois mil e vinte ganhei o livro *Irmã Outsider*, ensaios e conferências de Audre Lorde, mulher, preta, lésbica, mãe e poeta. Cada capítulo desse livro ia me despertando o desejo de falar e propor dentro da academia um processo de construção poética e política dos meus trabalhos. No capítulo *A poesia não é um luxo*, Audre Lorde diz que:

No entanto, quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de que a vida, como situação, deve ser experimentada e que devemos interagir com ela, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder – é delas que surge o verdadeiro conhecimento e, com ele, as atitudes duradouras. (LORDE, p. 47, 2007)

Quando eu releio as minhas memórias escritas sobre *SALdade*, e visito o texto que escrevi para meu pai, que faleceu quando eu tinha dois anos, vejo que toda a base da minha musicalidade que, de acordo com o que minha mãe conta, tem influência das músicas que meu pai ouvia. Partindo da ideia de que racionalmente eu não me lembro dele, a única forma que consigo explicar é através da memória ancestral que me faz até hoje ouvir os sambas de Jorge Aragão.

Neste momento, acredito que as mulheres carregamos dentro de nós a possibilidade de fundirmos essas duas abordagens tão necessárias à sobrevivência, e é na poesia que nos aproximamos ao máximo dessa fusão. Falo aqui da poesia como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo distorcido, os patriarcas brancos chamam de poesia – a fim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento. (LORDE, p. 47, 2007)

E nesse raciocínio de Audre Lorde me identifico com a condução que escolho viver minha vida, através das artes, da música e todas as demandas de sobreviver fazendo o que é válido para mim e do que acredito.

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias. (LORDE, p. 47, 2007)

Assim escolher compor, expôr e elaborar com sentimento de saudosismo é mirar os horizontes de Audre Lorde aponta.

4. *COMO DAR AR AS PALAVRAS: DA SAUDADE ATÉ A SALDADE*

No primeiro semestre de faculdade assisti uma palestra do Projeto Elixir - Ciclo de Seminários, Encontros e Laboratórios de Reflexões e Práticas Sobre Urgências e Vitalidades do tempo presente, com a curadora Diane Lima, e a artista visual Rebeca Carapiá, tratando do processo criativo de Rebeca, que faz esculturas com ferro e cobre. Logo o que me chamou atenção foi o título da sua obra “Como dar ar as palavras” e como era poética. Eram duas mulheres negras falando de seus processos criativos, externalizando suas vivências criativas. Quando Rebeca contou que o seu ateliê era na laje de sua casa na cidade baixa, no Uruguai (Salvador-BA), entendi que todo o trajeto que ela fazia era no sentido de se afirmar enquanto mulher, negra, artista e sapatona. Além de tudo, ela ampliou para mim o debate geopolítico que envolve memória, economias da precariedade, tecnologias ancestrais, dissidências sexuais e de gênero, e as relações de poder entre o discurso e a palavra como conhecimento ancestral. Essa foi uma das primeiras palestras que assisti dentro da academia e causou em mim uma explosão. Com certeza me moldou a estar nesse processo, da minha escrita, falando sobre o processo criativo da poesia, música e videoclipe.

4.1 Vivenciando saudades

Costumo dizer que não gosto de sentir saudades de quem está vivo, sempre que esse sentimento bate eu dou um jeito de amenizar, seja por visita ou ligação, eu arrumo encontros. A saudade de quem morreu passa por transformações e eu consigo sentir de forma mais leve ressaltando as memórias boas. A escolha de sair de casa, tomar um outro destino, conseqüentemente não acompanhar as crianças de casa crescerem de perto, me relacionar à distância, conviver com um sistema que encarcera meus familiares, ter que conviver com a fotografia das minhas amigas na geladeira de casa, e entender que essas mudanças fazem parte do meu crescimento individual, fizeram e ainda fazem a SALdade ser sentida durante todo o percurso de formação da faculdade, durante esses longos quatro anos.

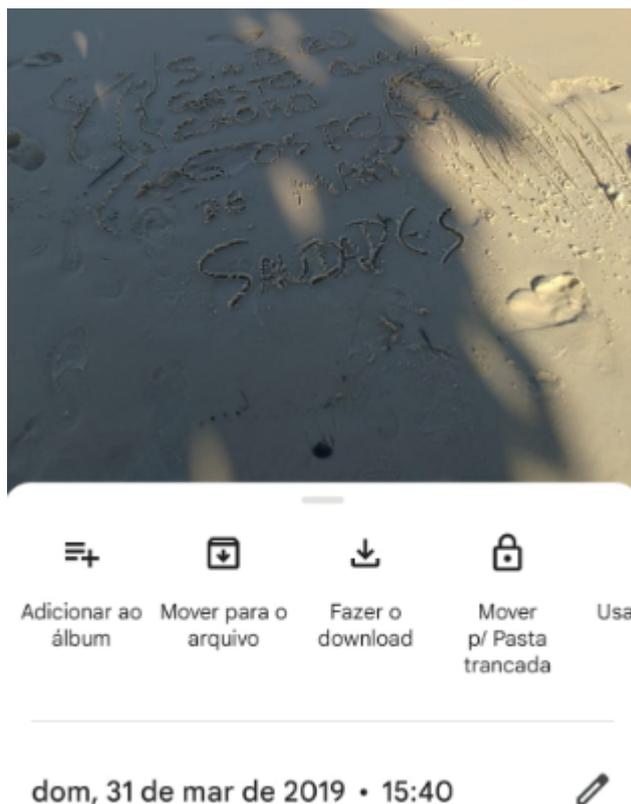
A saudade é uma palavra que traz ações e reações, choro por não conseguir mais estar perto ou risada por lembrar de alguma sensação boa. Um substantivo abstrato, de existência exclusiva em língua portuguesa, que tem o dia trinta de janeiro a sua data reservada no calendário para celebrar ou sentir a saudade. No dicionário a palavra se origina do latim

solitas, solidão ou solus, só, solitário. Há também a explicação de que a expressão viria de saúde, ou mesmo de saudar.

Para mim, *SALdade* veio do mar, por dois motivos. Quando eu escrevi a palavra *SALdade* pela primeira vez em dois mil e dezenove na areia do mar na praia de Cabuçu, eu vivia uma relação romântica, à distância. A minha ex-companheira morava em São Paulo, e eu tinha acabado de me mudar para a Bahia, então escrevi na areia: “Sinto seu gosto quando choro, gosto de mar *SALdade*”. Essa palavra ficou gravada na minha memória. Em dois mil e vinte durante a pandemia eu retornei para a cidade de São Paulo, o que fez eu ficar seis meses no isolamento social junto na companhia dela, mas no decorrer dos dias comecei a sentir *SALdade* da cidade de Santo Amaro, então comecei a escrever sobre essas relações de saudade da cidade e da pessoa quando estava longe. Mas para além dessa relação romântica, eu tive meus irmãos longe de mim durante um bom tempo, e eles fizeram parte da minha infância e adolescência e quando eu falo de *SALdade* é também sobre eles, talvez não da forma direta que eu perceba, mas quando eu me percebo, quando eu me acho, eu começo a entender esses sentimentos e da onde estão vindo, então eu vivo uma constante *SALdade*.



A primeira escrita: Sinto teu gosto quanto choro, gosto de mar saudade, e o desenho de um olho chorando.



A segunda escrita com imagem da data e hora da segunda escrita, no mesmo dia, já com a palavra saudade modificada:

Sinto seu gosto quanto choro gosto de mar, *SALdade*.

É importante observar a duração do processo dessa composição, escrita pela primeira vez um ano antes da escrita completa, e da melodia ser feita. E como o processo inicial da composição, foi feito no ócio. Me recordo de uma entrevista de Djavan onde ele conta que “Oceano” foi uma das tantas composições que ele abandonou, porque dentro do processo achou desinteressante. Com mais de dez mil pedaços de música, um dia, a filha dele ligou para ele e falou que tinha uma música bonita gravada na fita, que ele precisava ouvir, e quando ele ouviu era Oceano, um esboço da letra em espanhol. Navolta para o Brasil ele terminou de compor e gravar, após dez anos daquele primeiro esboço. Isso mostra a importância de registrar de alguma forma o nosso processo criativo, seja pelo celular, caderno, algum mecanismo que podemos retornar e continuar nosso processo, além do mecanismo da memória.

Quero explicar como foi o processo da composição e porque cada frase está elaborada.

Saldade

Berg Ferreira

Gabriela Barbara

♩ = 120

Soprano solo

te pro-cu-rei no céu ... na i-men-si-dão do mar

5

Sop. solo

te pro-cu-rei na chu-va que ca - i te pro-cu-rei nas flo-res.

9

Sop. solo

e en-ten-dí que vo-cê vem quan-do quer quan-do não vem a-

12

Sop. solo

la-ga o meu co-ra-ção sau - da - de é sal - ga-da a

17

Sop. solo

sau - da - de é sal - ga da a a-onde eu mo-ro faz

22

Sop. solo

sol o ano in-tei-ro o e quan-do vo-cê vem traz chu-va tem-po-ral

26

Sop. solo

ven-ta-nia ven-da-val quan-do não vem a-

30

Sop. solo

la-ga o meu o-lhar e quan-do vem faz sol no meu co-ra-ção sau-da-de

34

Sop. solo

é sal - ga-da a sau - da - de é sal - ga-da a

40

Sop. solo

sau - da - de é sal - ga - da a

"Te procurei no céu na imensidão do mar". Parti do sentimento de estar na praia e querer a pessoa perto, além da *SALdade* de estar na companhia dela na praia, porque naquele ano tínhamos vivido férias maravilhosas, em Salvador. E foi quando eu conheci a Bahia pela primeira vez.

"Te procurei na chuva que cai, te procurei nas flores", pensei que quando chove as flores ficam molhadas.

"E entendi que você vem quando quer, quando não vem alaga o meu coração", Sinto que queria falar da sensação de procurar as pessoas e compreender que cada pessoa tem o seu tempo, e essa *SALdade* pode ser vivida quando a pessoa quiser chegar, por enquanto o que resta é alargar o coração.

Quando escrevo "Aonde eu moro faz sol o ano inteiro e quando você vem traz chuva, temporal, ventania, vendaval", era me referindo ao calor da Bahia e as chuvas de São Paulo. Quando ela vinha me visitar era o clima de São Paulo que se perpetuava, além da personalidade da companheira ser bastante tempestiva.

"Quando não vem alaga o meu olhar e quando vem faz sol no meu coração", ainda é sobre a presença que chega e aquece o coração dessa *SALdade*.

Te procurei do céu, te encontrei no sol. Te procurei na chuva que cai te encontrei nas flores. Esse momento é a resolução da música, e assim do encontro com essa *SALdade*.

A *SALdade* é salgada, é em referência as lágrimas que caem, liberando sódio.

Composição se dá para mim como forma de materializar o que mastigo por dias.

O segundo ponto é a relação com a minha família, e revisitando as memórias para deixar registrado neste memorial, encontrei um texto que escrevi na legenda de um vídeo que postei quando meu irmão mais novo, Ruswell, encontrou o mar pela primeira vez em março de dois mil e vinte o texto dizia:

gabiabarbara Assim como ele, que pela primeira vez descobriu o sal do mar, descobro com ele que amar é uma ação de reencontro, entendo que atenção é realmente a cola que o coração da gente precisa. Volto das férias um pouco mais larga, com o coração um pouco mais colado no dele, com o olhar um pouco mais de descobertas e novidades do que um olhar viciado de quem sabe de tudo, embora a frase "Já nasci sabendo nadar, ninguém me ensinou" foi dita por ele. transfiro para outros lugares, também aprendi várias coisas comigo mesma, ninguém me ensinou a chorar, são necessidades, talvez nadar é se sentir livre, e se sentir é livre é uma necessidade constante. por isso ver a foto dele crescendo fez nascer a lágrima no olhar do irmão

mais velho, que tem a urgente necessidade de ser livre... volto das férias revisitando o que é a solidão. as nossas descobertas são sempre solitárias, a gente descobre que sabe nadar, a gente descobre que quer ser livre, a gente descobre que quer reencontrar, a gente descobre que amor mesmo faz a gente perder o medo da morte quando encontra outra pessoa para compartilhar as nossas descobertas... Pq eu, quando descobri que ele viria ao mundo, passei a reacreditar em milagres, espalhei pra todo mundo que estava perdendo o meu cargo de caçula. Eu, quando descobri o mar e que a água do mar era salgada, quis compartilhar com todo mundo que existia um tempero na água. Que honra e que desafio é ser a irmã. " Amar é um deserto e seus temores". Crianças, elas são o presente. Amar é proteção. Mar é proteção. Poderia resumir minhas férias apenas nesse registro significativo de descoberta do que é a imensidão do a(mar) !

Editado · 167 sem [Ver tradução](#)

E nesse cavar minhas saudades, que estive relutante, fui acessando outros espaços. A *SALdade* de meu pai Sergio, que já não me recordo da imagem dele porque ele faleceu enquanto eu era pequena, mas tenho em fotos várias imagens que mostram o quanto ele era afetivo comigo, a única filha mulher dele, e me debruço a escrever sobre, também.

gabiabarbara Dia desses, ou melhor, meses atrás eu estava ouvindo um samba e a mãe falou:

- Como pode? Vc nem conviveu com seu pai e tem o gosto musical i g u a l ao que ele tinha.

Eu ri, achei o máximo, em alguma coisa a gente se assemelha, a memória é para além da convivência é a conexão que permanece. Northon é vc todinho, desde da beleza até o estilo de se vestir, a personalidade de brabeza e cabeça dura também, para ele, dizem, que ele é vc todinho.

Uns anos atrás ele entrou de surpresa em casa, e parou próximo do guarda roupa, senti sua presença, vi vc nele, e olha que louco pq eu nem lembro de vc, só nas fotos, e nos finais de semanas que íamos deixar flores do túmulo.

Eu não tenho dúvidas de que o pedacinho que ficou de vc, os poucos anos de colo, foram os que me levaram a amar a música a arte, obrigada por esse lado, por essa herança.

Vc era embaçado né Sergião, dizem que vc era embaçado, eu queria sentar um dia e ouvir em qual parte da sua história vc foi se endurecendo, queria dizer que ter uma filha igual a mim iria te amolecer, pq eu sou maior fofa, as vezes rsrs, seria o máximo aprender violão, aprender cavaquinho com vc, seria... eu não te levaria a falência no seu bar pq eu não bebo, nem fumo, provavelmente eu iria crescer e brigar para vc parar de fumar, igual faço com todo mundo, provavelmente vc ia dar uns tapas nos meninos para eles tomarem um rumo na vida. talvez com a sua presença o rumo seria outro, talvez, bem talvez.

Mas é isso, eu sinto a falta da sua figura, e levei tempos para compreender e confessar isso, acho que foi o rolê da terapia que fiz meses atrás, aliás, talvez a terapia te salvaria de vc, e do enrijecimento do seu coração, pq dizem que vc era sangue bom, mas era embaçado.

Eu gosto muito da história do dia que eu nasci e vc sentiu que eu iria nascer, quando estava pintando a casa e o pincel caiu e na hora vc pensou na mãe e em mim, olha que conexão louca. Obrigada, por me colocar nesse mundo. Sal dades.

Quando volto aos meus escritos reencontro os meus sentidos e os combustíveis pelo qual canto sobre os sentimentos. Quando recordo disso e hoje, construindo uma narrativa sobre esse sal, penso que somos continuações. Nunca imaginei que citaria essa experiência em um TCC, que por hora julguei tão específico. E o que me faz lembrar também de Grada Kilomba quando escreve:

Quando eles falam, é científico; quando nós falamos, não é científico. Quando eles falam, é universal; quando nós falamos, é específico. Quando eles falam, é objetivo; quando nós falamos, é subjetivo. Quando eles falam, é neutro; quando nós falamos, é pessoal. Quando eles falam, é racional; quando nós falamos, é emocional. Quando eles falam, é imparcial; quando nós falamos, é parcial. Eles têm fatos, nós temos opiniões. (KILOMBA, p.52, 2008)

Então, tecer cotidianamente conversas, são os desdobramentos de mim, para quem sentir-se humano para refletir sobre si, e suas experiências.

Me recordo da entrevista da Liniker no Roda Viva, que se emocionou quando Adriana Couto perguntou se a sua forma de fazer poesia acompanhou as suas descobertas e evoluções como uma mulher jovem descobrindo o mundo. O que você canta é algo que você projeta ou é algo que você é ainda? E Liniker responde emocionada que poder estar de volta com Adriana que foi a primeira pessoa para quem ela deu uma entrevista e poder falar da poesia, é acolhedor. Para ela, a poesia e a palavra são as melhores aliadas, porque sentir é algo tão honesto e a música a fez reexistir.

4.2 O sal da *SALdade*

Penso nas *SALdades* que temos da vida, *SALdade* da gente mesmo, às vezes. E como é importante nos reencontrarmos com os nossos propósitos. Penso nas *SALdade* da família, mas sobretudo como a gente reencontra os nossos queridos depois de um tempo distante, e como reparo em mim que eu já não sou mais a mesma pessoa.

Nesse sentido, o reencontro com a *SALdade* é o que conduz a ideia do clipe, um reencontro de me ver espelhada em outras pessoas, em vários caminhos, no percurso que o trem faz, no caminho que o mar conduz e é conduzido. Penso em pendurar a *SALdade* no varal, porque quando estou pensativa, é pela janela que deixo os pensamentos voarem. Na janela onde estendo as roupas e porque não estender também minhas saudades.

Penso no sal grosso que é colocado dentro de casa, com cravos, para neutralizar o ambiente de má energias. O sal grosso que em algumas religiões é utilizado para purificar, é o que de fato eu gostaria de representar neste clipe. O sódio? Que sai de dentro da gente quando choramos? E porque chorar nos faz bem? No ambiente da cura, que essa água nos proporciona, como podemos, mulheres, homens, e não-binários, negros, nos mostrar frágeis através do choro, mas não só? Por que o choro está sempre relacionado à fragilidade? Podemos regar as nossas dores, e nos curar. Corpos que liberam a cura.

3. REENCONTRANDO A *SALDADE*: O VIDEOCLÍPE

O roteiro do clipe começou com uma chuva de ideias, onde as palavras chaves eram: lágrima, mar, chuva, água, sal, reflexos, espelhamentos, outono, cinzas, sépia, imensidão e solidão, Larissa, minha orientadora, e eu estávamos tentando entender o que queríamos dizer no clipe. Eu sentia que como a música referenciava a cidade de Santo Amaro, deveria ser em tons mais terrosos e solares.

A sinopse, elaborada no segundo encontro sobre o clipe ficou assim:

O videoclipe SALdade é sobre uma pessoa que saiu de seu lugar de origem para trilhar seus próprios caminhos e que tem como âncora e força suas memórias. No clipe, ela, na sua solidão, tenta reencontrar essas memórias, que na confusão da vida, às vezes parecem escapar. O reencontro com a saudade é o que conduz a ideia do clipe, um reencontro que pode estar no encontro com outras pessoas, novas memórias, em vários caminhos, no percurso que o trem faz, no sal das lágrimas, nas águas salgadas do mar.

Dentre tantas ideias que tive, a ideia de contracenar com uma outra mulher negra, que seria Janaina, ficou forte no meu sentimento. Chegamos a fazer um encontro, eu e ela, para elaboração de uma partitura corporal do que seria esse encontro entre nós no clipe, mas devido ao baixo custo de verba e curto espaço de tempo para desenvolver a ideia e agenda de gravação, repensamos essa estrutura. Então assumimos que eu estaria sozinha na imensidão. Imensidão essa que canto na música e que foi a fonte das ideias para escolhermos locações vazias, afastadas de casas em espaços grandes, escolhemos então a praia de Itapema distrito de Santo Amaro e o trilho do trem da cidade de Santo Amaro.

Outras imagem que pensamos foi da mudança de paisagem enquanto eu caminhava, remetendo à procura, no cotidiano, esse seria o momento urbano do clipe, onde o figurino era composto por roupas na cor da palheta, porém no estilo urbano, com calça, camisa, boné, tênis e sandália, fazendo o contraponto com o espaço da imensidão que era também o espaço da memória refletido através do figurino de sobreposição feito por Ana Andrade. Um vestido com tule, descalço. Esse ponto, na prática, nos colocou diante de um desafio no momento da gravação, pois no chão dos trilhos há um caminho de pedra sobre o qual não era fácil caminhar. Entendi que deveríamos ter pensado em um calçado para caminhar no trilho do trem. Poeticamente podemos entender que de fato caminhar com os próprios pés para outros caminhos, é muitas vezes, dolorido.

No momento da criação do roteiro, elaboramos nove cenas:

- 1 FLOR DE CRISÂNTEMO SE LIMPANDO DE LÁGRIMAS
- 2 CAMINHANDO POR OUTROS LUGARES (cotidiano)
- 3 SOLIDÃO NOS TRILHOS DO TREM (e ponte São Félix - crisântemo)
- 4 SOLIDÃO NO MAR
- 5 ENCONTRO E ESPELHAMENTO
- 6 RETORNO DAS MEMÓRIAS (cotidiano) TRILHO DO TREM? MAR? CASA?)
- 8 FOTOGRAFIAS
- 9 LENÇOL DA SALDADE (cotidiano)

O lençol da *SALdade* foi feito pelo artista visual Luiz que escreveu a tipografia da palavra *SALdade* em vermelho no lençol branco. Penso em pendurar a saldade no varal, porque quando estou pensativa é pela janela que deixo os pensamentos voarem, na janela onde estendo as roupas e porque não a saudade.

A flor foi o elemento que eu mais estudei no pré TCC, queria que tudo tivesse flores, flores secas e flores vivas. Queria fazer uma analogia de relações saudáveis e de relações tóxicas, como que florescemos ao lado de relações saudáveis e como que secamos ao lado de relações tóxicas, e seria assim a ideia do clipe de Tenho me amado bem mais. Mas por hora não descartamos ter a flor na narrativa do clipe, então um take para produzir esse momento foi pensando, onde a flor está no centro e o sal grosso está em volta, e regamos essa flor.



referência: flor de crisântemo

Para essa cena um que chamamos de flor de crisântemo se limpando em lágrimas, tivemos como disparador o clipe de Rihanna Diamond. A ideia era colocar um crisântemo dentro de um vaso com sal grosso, e em volta também, onde ele seria regado com água, e incluiríamos o efeito reverso, como se essa flor estivesse chorando a lágrima salgada. A flor crisântemo foi pensando porque era a flor que minha mãe levava para me presentear quando ia me visitar aos finais de semana na casa de minha avó, e a partir dessa história, defini como elemento da minha identidade visual. Quando Larissa chegou para criarmos o roteiro ela me apresentou a imagem da flor no chão rachado, e qual foi a surpresa dela quando falei que crisântemo era a flor que tinha como referência. Abaixo a referência dessa cena que por falta de tempo, não conseguimos filmar.

4.3 Direção de arte

Após criarmos a sinopse, parti para a escolha de paleta de cores, disparada pelo que imaginamos ter na fotografia e tivemos um fio condutor para as outras visualidades do videoclipe, o figuro.

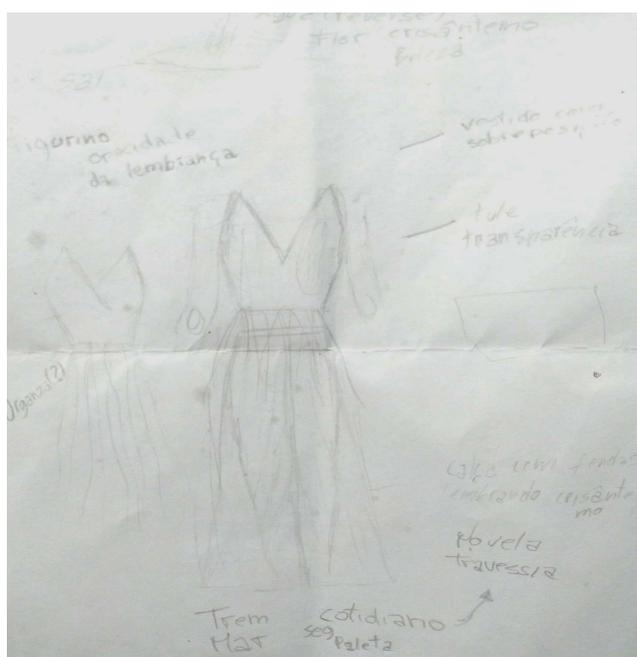


Palheta de cores escolhida
inicialmente com tons terrosos



A paleta de cores definitiva, abrangia mais as cores da natureza incluindo tons de areia

Algumas escolhas foram feitas, a partir do que tínhamos em mãos, porque a falta de investimento financeiro direto no projeto nos fez repensar sobre as prioridades, eu tinha um tecido de malha, que já tinha comprado para ser o fundo de um vídeo que iria fazer tempos atrás, e a cor se aproximava da "coleccionador de orquídeas", e a partir dele apresentei para Ana Andrade, a figurinista, com a ideia de criarmos uma saia rodada com este tecido, pois o que sempre apontei para Ana era que gostaria de volume da cintura para baixo na peça. Ana me apresentou um croqui de figurino, pensado para o videoclipe, com um voal que se estendia pelo corpo todo.



Esboço do figurino de Ana Andrade



Imagem do figurino, encenando na areia

A leitura que ela teve da música e que intencionou na criação do figurino era remeter à opacidade das memórias que a música apresenta, e como a opacidade do tule sobre construção dessas memórias, que podem ser vistas e revistas, podem nos enganar mas ainda sim estarem na memória e serem nossas. Acho importante ressaltar que Ana Andrade foi convidada para ser minha produtora artística no início do semestre, e ela acompanhou o processo desde o início dos ensaios e também na gravação da música. Ela entendia o que eu a música significava para mim, e o que a música significou para ela. Para mim, que passou esses quatro anos estudando as áreas técnicas do espetáculo, e a minha principal reclamação era ser chamada no final do processo para criar uma iluminação, fiquei muito feliz que Ana se propôs a estar desde o início, não sendo assim um trabalho secundário apenas. Ela estava incorporada na música, o que influenciou na leitura dela do meu corpo e do caimento que gostaríamos que tivesse.

Compramos oito metros ao total de tule, que a princípio os três metros comprados não foram suficientes e conforme conseguimos mais dinheiro fomos comprando mais tule, Ana Andrade costurou em quatro dias a mão, fazendo a sobreposição no vestido que encontramos, dentro da paleta de cores, a noite que antecedeu a primeira diária da gravação, Ana Andrade passou acordada, finalizando sua obra, neste momento abandonamos a ideia da saia, pois requer orçamento para a costureira fazer como imaginamos. Algumas das peças urbanas

foram do acervo pessoal, como o corselet cru, que eu já tinha utilizado na live de Tenho Me Amado Bem Mais, e outras peças foram selecionadas no brechó.

A maquiagem nos dois dias de gravação foi elaborada por Deivison Oliveira, que também foi assistente de direção. Enviei algumas referências visuais, que ressaltam um pouco mais o olhar, porque eu particularmente me desinteresso pela maquiagem com a camada da pele mais coberta, porque tenho sardas, e acho bonito que elas apareçam, mas nesses dois dias de gravação, toda minha ansiedade estava saindo pelos poros, foi um mês bastante esgotante emocionalmente, para além da faculdade e do momento final de entrega de trabalhos, outros problemas foram acontecendo ao mesmo tempo, e o corpo sentiu tudo, Deivison que é meu amigo pessoal e já tinha me maquiado antes, já sabia dos aspectos da maquiagem que eu gosto, sem muito contorno no rosto, pele suave, toda essa produção foi feita em casa, com o material de maquiagem que ele já tem pois trabalha na área.

O cabelo, eu pensei em naturalidade, e mudanças de penteados, mesmo que singelos, no dia que gravamos no trilho do trem ele estava trançado e preso, na praia já imaginei solto e com um pouco mais de volume, e durante as cenas de passagem, ele se moldava conforme o tempo e figurino, em alguns momentos com boné em outros momentos com chapéu. A escolha do brinco como acessório, foi pensado em ser algo simples porém que ressaltam aos olhos, então encontrei em uma lojinha em Salvador um brinco encapado com que era bastante singular, eram assimétricos, um era maior que o outro, assim como a inconstância da *SALdade*.

4.4 A gravação

O videoclipe foi gravado em quatro planos: Sequência, fechado, detalhe e plano aberto. Além disso, algumas cenas gravadas com um drone para provocar a sensação de imensidão. No primeiro dia de gravação nosso cronograma era começar a gravar as quatro e trinta da manhã, porém o tempo nos explicou que não era o momento, assim como canto na música quando você vem traz chuva, esperamos a chuva passar e fomos a caminho do trilho de trem, porém como são regiões de verde um pouco mais afastadas da cidade, tivemos que voltar, tentamos outro caminho do trilho do trem, e também estava chovendo, não queríamos qualquer caminho de trem, queríamos um com a terra batida com a cor vívida, Larissa queria um caminho na encruzilhada que tínhamos visitado e com a placa de Pare e Ouça para ela gravar um insert. Então começamos a gravação invertendo o cronograma, gravamos as cenas urbanas primeiro e do trilho do trem após o almoço. Os cenários urbanos tinham um desafio,

medir as proporções, distância entre eu e a câmera, calcular os mesmo cinco metros para todos os lugares que fossemos, para que o enquadramento fosse registrado perfeitamente. A praça da purificação, em frente ao chafariz foi o primeiro lugar de gravação do vídeoclipe, seguindo da; quadra da UFRB, lugar este que serviu como gravação de outro take complementado o cenário da memória, pois o verde estava bem vívido e o mato grande, gravei também alguns takes cantando nesse cenário verde no fundo da quadra, o outro cenário urbano foi em frente o bar Cravo e Canela em frente ao CECULT; Janelas vermelhas para fazer parte da composição de cores da paleta; Parede de tapumes cinzas em frente a uma construção; Muro ao lado do museu dos Humildes com algumas pichações ao fundo; e em frente ao Museu dos Humildes, pela textura que o portão tinha, no nosso roteiro existia uma parede que queria muito gravar uma cena na frente dela pois tinha escrito recôncavo net, e eu achava interessante ter esse contexto no clipe, porém, no momento que fomos gravar tinha um caminhão em frente, então aproveitamos e gravamos em frente ao caminhão também. O Inserts da placa no trem, estava planejado, e outros como detalhes do pé, e as formigas caminhando foram cenas que surgiram no momento.

No segundo dia começamos a gravar na praia de itapema chegamos às e foram os takes mais bonitos que fizemos, a luz do sol estava favorável, a maquiagem no segundo dia estava impecável, e assim como surgiu cenas que elaboramos na hora no trilho, na praia foi igual, o plano detalhe capturou eu escrevendo na areia, com os pés, a palavra *SALdade*, algo similar ao que escrevi no dia da criação dos primeiros escritos da poesia na praia de Cabuçu, em dois mil e vinte, a cena em que entro dentro do barco ancorado e me deito, também foi criada no momento, o drone capturando a âncora e o significado poético que isso representa tendo em mente a referência de Cláudia Regina, na obra artística da maquiagem feita no início do ano para a live.

Entre uma troca de lente e outra, Deivison fez registros fotográficos, que serão utilizados no futuro para possíveis lançamentos e divulgação. BIG D, mas conhecido como meu companheiro no momento deste projeto, foi o assistente de produção, atuando desde os ajustes na roupa para que eu saísse alinhada nos registros, passeando pelas orientações gritadas no momento da gravação do drone na praia onde precisava que todo mundo estivesse distante, e precisamos nos comunicar, até o play na música para que a gravação ficasse sincada. Posso dizer que tive uma equipe dos sonhos, do afeto, da dedicação e do profissionalismo, dando o máximo nas condições que tínhamos, cansados mas esforçados. Foi minha primeira gravação externa na vida, estava totalmente intimidada pela câmera, foi um desafio estar plena e a vontade em cena, eu precisava cantar e encarar a câmera, nas cenas da

memória na natureza, e eu precisava simplesmente caminhar e encarar a câmera nas cenas do cotidiano na rua, na rua onde as pessoas paravam para ver, comentar, foi um momento desafiador, pois eu precisava manter a concentração, no mar meu corpo estava um pouco endurecido enquanto eu caminhava, e a cena de escrever *SALdade* na areia enquanto o trone capturava o plano geral, surgiu da lembrança de ter escrito a primeira poesia, na areia e assim fui caminhando entre a palavra *SALdade*.

Durante o processo de Edição, Larissa apresentou duas possibilidades de montagem, em uma das montagens ela acrescentou a sonoridade do trem na cidade passando, o que fez bastante sentido para mim, que sempre observei em Santo Amaro, a sonoridade existente, desde o trem passando no fundo da minha casa, até o som da feira, e carros passando com auto falante, mas o trem tem o significado narrativo da *SALdade*, como o transporte que leva para longe, a viagem, o maior desafio para mim, foi desapegar das ideias que com não deram certo durante o percurso, além das cenas que não tivemos condições de elaborar.

4.5 Fichas técnicas

“...a falta de comunidade deixa muitas pessoas com maravilhosas contribuições a fazer sem ter onde desaguar seus dons, sem sabe onde pô-los, Quando não descarregamos nossos dons vivenciamos um bloqueio interior que nos afeta, espiritualmente, mental e fisicamente, de muitas formas diferentes. Ficamos sem ter um lugar para ir , quando temos necessidade de ser vistos.” (SOMÈ, 2003)

A partir dessa reflexão, onde me afirma que nada se constrói sozinho, apresento as pessoas que se debruçaram em *SALdade* comigo.

4.5.1 Ficha técnica da gravação da música *SALdade*

Composição e Interpretação: Gabriela Barbara

Guitarra: Charlaine Nascimento

Teclas: They Nascimento

Bateria e escaleta: Berg Ferreira

Mix, Master , Produção e Baixo: Lerry

Orientação vocal: Manuela Rodrigues

4.5.2 Ficha técnica do videoclipe

Orientação e co-direção: Larissa Lacerda

Concepção: Gabriela Barbara
Direção de fotografia: Larissa Lacerda
Roteiro: Gabriela Barbara e Larissa Lacerda
Direção de Arte: Gabriela Bárbara
Assistência de Direção (1º): Deivison Oliveira
Assistência de Direção (2º): BIG D
Produção: Ana Andrade, Big D
Styling :Ana Andrade e Gabriela Barbara
Beleza: Deivison Oliveira
Contrarregras: Big D
Elenco Principal: Gabriela Barbara
Fotógrafo: Deivison Oliveira
Making Of: Deivison Oliveira
Montagem, Edição e cor: Larissa Lacerda

4.6 Do show ao vídeo clipe

Como chegamos até aqui. Durante os semestres de TAE somos levados a pensar sobre o nosso projeto de TCC, temos um componente de Projeto integrado que engloba todas as áreas e podemos especificar qual eixo que vamos trabalhar, figurino, cenografia, e iluminação, durante dois semestres eu pensei em elaborar um show de minha autoria desde as músicas até a elaboração do espetáculo.

No processo de transformação para Gabi A Barbara que mostra as suas composições, elaboramos uma live session, intitulada de Tenho Me Amado Bem Mais, onde Leinne Portugal me acompanhou no violão, e Phyllipe fez a captação de áudio, de três composições, SALdade, Tenho Me Amado Bem Mais, e Confia, essa gravação foi feita na casa de grandes artistas, Lucas Nascimento e Viola, que cederam a varanda da casa deles para fazermos a gravação, e Claudia Regina formando os três integrantes da Equipe Grão, projeto no qual tem como fundamento, impulsionar artistas independentes, fez a captação de vídeo, elaboraram o cenário e maquiagem.

O figurino era em tons cru, o cenário rústico e com plantas e a iluminação a princípio era para ter o sol se pondo, mas nesse dia, assim como na gravação do clipe, não apareceu o sol, e a maquiagem, uma grande ressalva para a maquiagem, eu tinha pensado em algo básico, Leinne que iria fazer nessa ocasião, mas chegando na casa dos Grãos, vi uma Claudia Regina

com uma sombra incrível, e comentei, ela prontamente perguntou se eu gostaria de fazer também, e eu aceitei, fizemos, gravamos e depois que foi ao ar, minha mãe comentou que a maquiagem dos olhos estavam de mais, eu postei no instagram esse comentário que achei engraçado, e Clau, como chamo mais intimamente, me respondeu “Fala pra ela que a maquiagem é conceitual, se chama "olhos de mar" e que faz parte da minha pesquisa do TCC, que vai de encontro com a música tema da live” então ali, ela me mandou alguns audios explicando detalhadamente, que quando ela criou a maquiagem foi após um relacionamento, que ela se prometeu que não iria mais chorar, que tudo o que tinha que chorar tinha chorado, e a maquiagem representou todas as vezes que ela chorou durante a relação, e que para ela foi muito de encontro com as músicas da live desde a *SALdade* até “Tenho Me Amado Bem Mais”. E na pesquisa de TCC dela, ela escreve um texto poético e elabora algumas ações, e a maquiagem foi feita também para a performance que ela apresentou, e pensando nas coisas que ela elabora dentro dessa pesquisa, ela pensa os olhos como se fossem barcos que navegam pelo mundo, e a maquiagem representa também o mar que fica nas pálpebras e o barco que é o olho, e essa maquiagem ela ainda não entendia muito mas foi se inspirando na pena do pavão também para elaborar as cores, era apenas uma sombra que compunha todas essas cores, verdes e azuis. Então a composição visual desta live tinha no figurino cores neutras e nos olhos e cenário, verde, a representação da natureza e também a pena de pavão da Clau, assim como no ambiente da gravação tinha o espelho dela, que também faz parte da pesquisa que ela tem como referência o conceito de Oxunismo.



Imagem da maquiagem elaborada por Cláudia Regina

Esse formato de Live teve como influência as músicas que eu consumo, em específico, apresentei a live da cantora Americana UMI como referência para todo o meu time, onde ela apresenta uma live no quintal da casa dela, com uma banda completa de mulheres, com um formato intimista e sereno, minha influência brasileira bebe também esteticamente do duo Àvua, os tons terrosos remetendo a naturalidade, com atmosfera, intimista e sentimental. Esse foi o trabalho entregue no componente de projeto integrado, em dezembro de dois mil e vinte e dois, e foi ao ar no meu canal do youtube, dia dois de fevereiro de dois mil e vinte e três, dia de Iemanjá, dia minuciosamente escolhido para esse acontecimento. Muitas pessoas do meu convívio descobriram que eu cantava ali, naquela live, amigos ficaram sabendo das minhas composições ali naquele live, porque eu geralmente mostro muito pouco o que eu componho para as pessoas no geral, simplesmente faço e compartilho com quem está próximo de mim.

É importante ressaltar aqui a importância do projeto Grão nessa trajetória, porque antes de gravar essa live, eu fui convidada pela curadoria do projeto, para apresentar meu trabalho autoral na Mostra Grão Primavera, no dia doze do onze de dois mil e vinte e dois, e essa apresentação foi meu retorno aos palcos, no mesmo formato da live, voz e violão. Já em dois mil e vinte e três, apresentei um repertório mais extenso, acrescentando além das minhas composições “Flores Horizontais” de José Miguel Wisnike, conhecida pela interpretação de

Elza Soares “Cheiro bom do seu cabelo” de Ludmila, nesse show convidei duas artistas de Feira de Santana, que estudavam no mesmo centro, onde elas apresentavam a música autoral delas e eu acompanhava no piano, Leinne Portugal e Maria Strudth, nesse último show eu fiquei surpresa com a receptividade das pessoas, porque elas já estavam familiarizadas com as músicas, por conta da live, então quando eu cantei *SALdade* e *Tenho Me Amado Bem Mais*, as pessoas interagiram, e isso foi gratificante. Um feedback que eu tive de retorno das professoras, foi a presença de palco, e como eu precisava incorporar mais quando entrasse no palco. Até aqui o que estávamos pensando ainda era que o meu trabalho de conclusão de curso seria um show, eis que chega no nosso centro no meu último semestre, Larissa Lacerda, a mesma professora que eu já tinha aprendido sobre iluminação no projeto *Ilumina* durante a pandemia, ela chegou para substituir a vaga de uma professora do TAE, e logo minha tutora Carol Diniz me falou que Larissa seria uma ótima pessoa para ser minha orientadora de TCC, porque tinha vivência na música, direção teatral e iluminadora. Eu não exitei nessa sugestão, pois não tinha ainda uma pessoa definida para fazer essa orientação, e sobretudo porque admirava muito o trabalho dela então, apresentei meu projeto do espetáculo intitulado *Tenho me Amado Bem Mais*, e logo levei um puxão de orelha, porque na organização da apresentação, eu começava a apresentar as ideias pela iluminação, a música era ali o último detalhe, Larissa logo me perguntou - De quem é esse espetáculo ? Porque você não está dizendo no começo que isso é seu?

Pois, tivemos dois encontros, o primeiro encontro, ela me pediu para cantar uma música minha e eu escolhi “Pra Quem Intervenção Militar”, e ela me orientou a explorar várias formas de interpretação rápida, com raiva, no segundo encontro fizemos alguns exercícios, para manter o corpo em base de apoio com os joelhos levemente dobrados, e quando chegou no terceiro encontro, Larissa Lacerda me sugere gravar uma música e gravar um clipe dessa música, ou seja mudar totalmente o rumo do projeto, com a justificativa que deveria aproveitar a básica estrutura da universidade, para fomentar um futuro, ter um material palpável e vendável para o mercado musical, e que apenas o show não me proporcionaria alcançar todas as plataformas. Passou uma semana eu aprovei a ideia, relutante porque *Tenho Me Amado Bem Mais* sempre foi a música que eu sempre gostei de trabalhar, e fazia mais sentido ali para mim falar sobre a ação de cantar e se amar bem mais, levei para a terapia, e juntas eu e Vivian entendemos que o meu receio não era trocar de música e de ideia do projeto em um todo, e sim reviver as memórias da *SALdade*.

Então eu que já estava ensaiando com a banda um repertório para o show, precisei voltar e reacordar que iríamos gravar SALdade, toda a banda prontamente se dispôs a gravar. Tivemos mais dois ensaios, tentamos reservar transporte para gravar a bateria no estúdio de Cachoeira, porque tinha isolamento acústico, e tratamento, ou seja um ótimo estúdio e não conseguimos, o que aconteceu foi que gravamos a bateria no estúdio precarizado do CECULT, a gravação da bateria levou em torno de doze horas, contando com toda a montagem que tivemos que fazer, definição de arranjo todo, porque dali sairia a base para os outros instrumentos. Berg foi o baterista, lembro que na semana da gravação ele me encontrou pelos corredores e falou que estava fazendo corrida todos os dias pela praça, porque queria entregar uma ótima performance na gravação. Lerry fez a produção, captação e gravou a linha de baixo. They Nascimento, que já tinha passado por um ensaio, e tinha estudado com Charlene, chegou e gravou o piano. Charlayne gravou seis linhas de solo de guitarra, e fomos escolhendo qual seria mais interessante para a construção da música. Em uma visita ao ensaio Larissa me orientou a solfejar a música, para que a afinação não oscilasse, tratando de uma composição autoral a referência de afinação deveria ser mais específica. Tive orientação vocal também de Manuela Rodrigues que é cantora, compositora e pianista, da Bahia. Nosso primeiro encontro foi virtual, e ela foi muito objetiva nas orientações vocais. Pediu para eu cantar a música e perguntou o que eu sentia que precisava melhorar, e o que eu queria com as instruções dela, respondi que sentia que a minha respiração não permanecia até o final das frases, e com isso acontecia a oscilação na afinação. Então começamos com um vocalize em stacato “ ma - pi -ama” e cantando frase por frase e ela foi dando as coordenadas e ajustes. orientando desde abrir mais a boca para deixar as vocais ressoar até balançar conforme a música. Algumas semanas depois, durante a gravação de SALdade no estúdio do CECULT, vi Berg dedicado no computador redigindo a partitura, sentei ao lado dele e fomos elaborando a partitura da música.

Trabalhar em equipe com foi explicar o que nunca precisei explicar, onde quero voz, onde quero pausa, onde quero que todos toquem juntos. Arranjar para fora o que eu tinha dentro da cabeça mas também sentir a ideia que cada instrumentista apresentava. Sempre imaginei uma banda só de mulheres, porque é um ambiente em que me sinto ouvida, muitas foram as vezes que tentei iniciar minha trajetória na música, mas não sentia que estava sendo ouvida , então eu me retirava, e deixava para um próximo momento, um momento de encontro com pessoas que estivessem dispostas a me ouvir. E sinto que esse caminho se encontrou, mesmo eu sendo estudante de artes do espetáculo, em um centro que tem música e produção musical, eu sempre flertei com os outros cursos, desde assistir algumas aulas, até conversar nos corredores

com outras pessoas. Meu conhecimento teórico com a música se deu a dez anos atrás quando estudei regência coral, então é um caminho que tenho pisado devagar para chegar com confiança e onde sinto que outras musicistas também queiram estar. É uma escolha política ter uma formação de banda com mulheres e homens negros e indígena, porque sinto que, pelo menos nesse ambiente de afeto que é expor minhas composições, eu não preciso me desgastar nem ficar a todo tempo provando minha capacidade intelectual.

5. CAMINHOS DA REALIZAÇÃO

No processo de externalizar em palavras a ideia de tecer cotidianamente canções, onde eu iria me debruçar em falar de cada canção que comporia o show que foi a ideia inicial deste memorial, a orientadora teve um olhar corajoso e perspicaz de futuro, onde a mudança de rota da água precisou ser feita, mas como água contorna e chega onde queria chegar desde o início: Gravar uma música, gravar um clipe e apresentar este material como resultado final do tcc. Contestei porque a ideia inicial era pensar no show em um todo, e o contra argumento assertivo foi: o show não vai vender, a sua música nas plataformas sim, será uma porta para você fazer outros shows. Fui para casa refletir, porque embora a ideia era ótima, o tempo também era curto. Mas se já iríamos dedicar um tempo ensaiando as canções, porque não registrá-las?

5.1 Tenho me amado bem mais

A composição que é o meu xodó, escrevi esta composição em São Paulo - Parelheiros, no momento em que morava sozinha no meio do mato, e observava a relação afetiva da minha mãe Ana, com o ex companheiro dela e observava a relação da minha melhor amiga, Malu, com a ex companheira dela. Ambas tiveram relações com excessos de abusos psicológicos. Quando escrevi “ Já te expliquei rapaz nosso amor não me traz paz, era referenciando a uma paixão minha, que eu literalmente desenhei o ser humano em uma folha e apresentei para ele, e ele deu de queixo “. Sinto que é a música da fênix, da força, estava lendo na época o livro de crônicas de Fabriccio Carpinejar “ Me ajude a chorar” onde ele fazia uma comparação entre não desistir de algumas coisas apenas porque o outro não dava nada em troca e neste processo eu simplesmente comecei a fazer algumas comparações entre não desistir do amor, entre não desistir da verdade, não desistir da vaidade e não desistir da coragem, por falta da entrega dos outros. Essa música conta uma trajetória de relação onde a pessoa está na pior e

a paz não é para todos não será para ninguém”, eu sentia que o mundo deveria entrar em chamas, eu sentia que ninguém deveria estar parado e passivo diante daquela morte, eu sentia que pessoas brancas deveriam ser responsabilizadas, ainda sinto, então eu escrevi, sobre o genocídio que a policia segue fazendo, a ROTA Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar que é uma policia com armamento específico que atua em SP de forma extremamente excessiva, onde nos anos noventa, de acordo com meu tio, dentro camburão existia um adesivo escrito “Deus cria e a ROTA mata” , a PM que é a policia militar de SP, o BOPE Batalhão de operações especiais do RJ, quis situar que todas essas formas de policias já interferem na vida das pessoas pretas e principalmente as periféricas. Escrevi “Pra quem intervenção militar” para eu cantar sempre que estiver me sentido mau, com alguma nova noticia de alguma bala que tenha encontrado um corpo, um corpo negro, um corpo jovem, um corpo negro jovem, escrevi para dizer sobre a raiva, escrevi para que a raiva fosse espulsa de dentro de mim de alguma forma, eu gosto do sentimento de raiva, sinto que se bem direcionado ele move, impulsiona, tras sangue nos olhos, e as vezes o que precisamos ter para nos manter vivas é o sangue nos olhos por justiça.

Esse ódio e a nossa raiva são muito diferentes. O ódio é a fúria daqueles que não compartilham os nossos objetivos, e a sua finalidade é a morte e a destruição. A raiva é o sofrimento causado pelas distorções entre semelhantes, e a sua finalidade é a mudança; Mas o tempo está cada vez mais curto. Fomos criadas para a destruição , e o fato de as mulheres negras e brancas enfrentarem as raivas umas das outras sem rejeição ou rigidez ou silêncio ou culpa é em si, uma ideia herética e fértil. Ela pressupõe companheiras reunidas em razão de um princípio comum para examinar nossas diferenças e modificar as distorções que a história criou em torno delas (LORDE, p. 161, 2007)

A poesia de Marcelino Freire “A paz” e a música de Racionais Mcs na súplica “*Ô Deus eu sei que tu não é neutro, tu ama quem em do gueto*” também são fortes referências na composição dessa canção, Bia Ferreira é uma forte influenciadora na sonoridade e na interpretação por ser tão autêntica.

PRA QUEM INTERVENÇÃO MILITAR (GABRIELA BARBARA)

Pra quem intervenção militar
 pra quem é intervenção militar
 pra quem, intervenção militar
 pra quem é a intervenção militar
 Na televisão falam da chacina falam da bala perdida mas eu nunca ouvi
 usarem a real expressão
 A real expressão é que o estado é genocida de um povo preto
 aí tu vem me falar de paz
 aí tu vem me falar de paz ?

hoje eu não tô bem
hoje eu não tô bem
hoje eu não tô bem
hoje eu não tô nada bem
uma mina preta incomoda muito eu sei
uma preta no senado é pra incomodar muito mais essa tua paz tá branca
demais e eu não tô nada bem
ó Deus eu sei que tu não é neutro e ama quem vem do gueto olha mais a
gente aqui, protege mais a gente aqui
me de força para seguir
que hoje eu não tô nada bem
pra quem intervenção militar, pra quem é intervenção militar

No processo de pensei em algumas referências sonoras para cada música, assim como descrevi algumas intenções para que as instrumentistas tivessem uma leitura do que eu almejava em casa música, a referência desta música era “Cota não é esmola” de Bia Ferreira, e as palavras de intenções foram ódio, política, tristeza, luto e revolta.

6. DESEJOS FUTUROS

Antes de começar a pensar na elaboração do clipe, estava imersa na pesquisa da criação do show que se intitula Floresci, e com Tenho Me Amado Bem Mais, como música guia da narrativa, ainda existe a vontade e necessidade de colocar esse show no mundo. Revisito parte da pesquisa elaborada e apresento aqui como projeto a ser elaborado no futuro.

6.1 A proposta de realização do show

A ideia inicial do memorial era elaborar um show, e nos projetos algumas coisas estavam pré-definidas, como público alvo, jovem de 18 a 35 anos, que seria apresentado no teatro Dona Canô, onde o título do show seria *Floresci*.

O espetáculo Floresci de Gabriela Barbara, tem como proposta ser continuidade do projeto visual do clipe de 'Tenho Me Amado Bem Mais', single norteador da atmosfera do espetáculo, fazendo menção a uma pessoa que viveu um relacionamento abusivo e está murcha durante a relação e floresce depois que sai da relação abusiva. O gênero musical navega entre MPB, R&B e Rap. O espetáculo sugere ao espectador atribuições visuais, sendo assim, não existe a necessidade de apenas a música ser o fio condutor do espetáculo. A iluminação será atuante enquanto dramaturgia do espetáculo, criando atmosferas e contribuindo para a experiência visual para o público. A pesquisa da iluminação é provocada a partir dos estudos de iluminação do livro Função Estética da Luz` de Roberto Gil Camargo, onde perpassa pela a iluminação da idade média e situa que a luz natural, filtrada pelas cores dos vidros (com seus mosaicos de cores) atingia superfícies claras que, por sua vez, transmitiam luz para pontos mais obscuros da nave e do altar, onde eram feitas as apresentações.

6.1.1 A luz



Imagem do figurino elaborado a partir da pesquisa de figurino com iluminação

Na ideia de interação luz e público, a referência principal é o show de Roger Waters, que utiliza em determinado momento da apresentação, laser para reprodução de um prisma em cima da platéia, configurando um momento ápice do espetáculo. A intenção da luz no espetáculo *Floresci* é reproduzir as luzes primárias do arco íris e do prisma refletido e tendo como eixo de pesquisa os primórdios da iluminação feita a partir de vitrais da igreja. Cada música do show será representada por uma cor primária, azul, amarelo, e vermelho e na música *Tenho Me Amado Bem Mais*, essas cores se difundirão formando as cores secundárias verde, laranja e roxo. A máquina de fumaça será primordial no auxílio dos efeitos visuais.

6.1.2 Proposta de cenário e estudo de palco

O cenário seria composto por sisal e flores penduradas, preenchendo o palco do teatro Dona Canô.

Entendemos a estrutura total do palco com suas dimensões para fazer o cálculo de quantos de material seria necessário para criar o cenário.

Palco Proscênio Largura: 14,00m. Profundidade: 2,00m. Caixa Altura: 15,00m

Largura: 10,00m

Profundidade: 10,65

Boca de cena Altura: 6,00m Largura: 8,00m

Vestimenta Cênica 01 Cortina nobre manual (11,00m X 6,50m)

10 Pernas (2,20m X 7,00m)

05 Bambolinas (10,00m X 3,00m)

01 Rotunda (12,00m X 7,00m)

01 Ciclorama 14,00 X 10,00m.

Outras medidas e informações Altura do teto do palco (pé direito): 15,00m; Altura da vara de luz da platéia: 10,30m Altura do teto do palco (pé direito): 15,00m;

6.1.3 Figurino

Aspectos físicos da cantora: Altura: 1,75m Peso: 60 kilos



Modelo de corpo: triângulo invertido

Com a intenção de causar uma visualidade mais homogênea, na parte superior do figurino o cropped será uma peça que não terá volume, e sim se ajustará ao corpo. Com decote em V para realçar o colo e dar ênfase ao acessório de cabeça.



Imagem referência para modelo de cropped

Na parte inferior do figurino estará o volume principal do figurino. A calça no estilo cargo que possui volume será a peça que contribui com conforto e também ao estilo despojado. Tendo como diferencial uma meia saia, que será utilizada como peça cenográfica, onde a cantora em determinado momento tira e deixa no cenário.



Imagem de referência para modelo de saia

6.1.4 Acessórios

O acessório de cabeça, ou o penteado será a peça chave de destaque no conceito do figurino, nele se concentra a atenção, pois seguirá a linha dramática do vídeo clipe. Serão utilizados peças leves, entre folhas e tranças, para que o peso não ocasione desconforto na apresentação da cantora. A ideia de utopia, de florescer pelo topo da cabeça, de renascer a partir do que conduz a nossa mente. Existe também a hipótese de ser um espelho, utilizando também a luz para criar o efeito de multicores causado pelo reflexo.

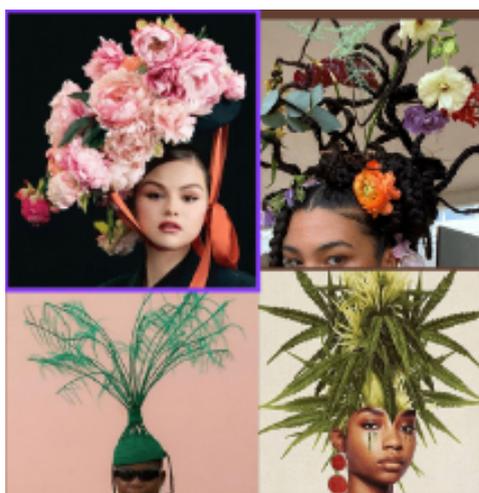


Imagem de referência para acessórios de cabeça

As instrumentistas estarão vestidas cada uma com uma cor, de acordo com a palheta de cores, e com um pequeno acessório no figurino, uma pulseira com flores, um pequeno arranjo de cabeça ou uma flor no bolso, nada que comprometa a desenvoltura de cada uma no palco.



Imagem ilustrativa como referência
de figurino para a banda

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que após a pandemia o mercado audiovisual se tornou uma extensão do mercado fonográfico, o encaminhamento deste projeto se deu no sentido de associar a minha prática artística acadêmica a uma possibilidade de ampliação profissional no campo da música. Com a gravação e com o videoclipe de *SALdade*, vislumbro a possibilidade de registrar a música, me inscrever em festivais de composição e, até mesmo, prospectar um lançamento da obra em várias plataformas, visto que ainda não tenho nenhum trabalho divulgado via streaming.

Durante todo o processo, desde os ensaios, gravação da música, e gravação do videoclipe, foram feitos registros audiovisuais para a construção de um minidocumentário desse processo, que também fará parte da estratégia de lançamento deste trabalho futuramente.

Como parte da primeira turma de formando do curso Tecnológico de Artes do Espetáculo, e observando a construção dos trabalhos de conclusão de curso dos colegas de turma, observo que a multidisciplinaridade que o curso e o CECULT oferecem nos cria repertório para atuação no mercado de trabalho de formas variadas.

Chegar nesse oásis de trabalho executado trazendo toda a bagagem seja ela visual, sonora, intelectual que adquiri ao longo desses quatro anos dentro da universidade, onde eu achava que era um caminho impossível de chegar, permanecer e concluir. Construir amizades desde o começo da minha chegada na Bahia. Conseguir pelo afeto, sem recursos financeiros, formar uma equipe que se dedicou por vários dias, ensaiando a música, elaborando figurino, editando o material, para a realização desses produtos artísticos, a partir de uma escrita minha. Me ouvir e sobretudo ouvir as ideias das pessoas, compreendendo que todos estavam com um único propósito, darem o melhor de si naquele momento. Ver cada pessoa entregando o seu olhar, seu tempo, para escrever comigo através da sua linguagem, mais uma parte da minha composição, da minha história, foi de uma aproximação para minha vida e me esperança para os próximos passos artísticos.

Ter escolhido a obra *SALdade* ao invés de *Tenho Me Amado Bem Mais*, me fez compreender que antes de me amar bem mais, foi preciso ouvir os sentimentos de *SALdade*, foi para mim um sentimento parecido como o de uma criança que, durante meses passa em frente a loja de brinquedos e deseja ganhar aquele brinquedo, e de repente o presente chega.

Me enxergar cantora materializada na tela, modificou completamente o meu olhar sobre quem sou e quem posso ser. Para mim, as tecnologias podem servir para transformar, a mim, e a quem posso tocar com a minha arte.

Trabalhar a paciência, a falta de recurso financeiro para produzir tudo o que estava planejado e desprender de ideias planejadas que não faziam mais sentido manter, e saber improvisar na elaboração de qualquer trabalho para seguir são aprendizados que carrego comigo. Compreendendo também que o perfeccionismo fala de um colonialismo, fala de uma estrutura com condições normativas e que, muitas vezes, acabam nos paralisando. Se é impecável já não me interessa, porque o dito pecável já é a linguagem que eu quero proporcionar para quem assiste, pois estou na contramão das estruturas e o que desejo é proporcionar uma sensação de vôo e de escuta interna aos sentimentos.

REFERÊNCIAS

D'ALVA, ROBERTA E. **Teatro hip-hop**. 333. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 145 p.

LORDE, Audre. **A poesia não é um luxo**. In: LORDE, AUDRE. *Irmã Outsider: Ensaios e Conferências*. 1 reimpressão. ed. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2007. p. 47.

CULTURA Livre Luedji Luna. São Paulo: TV Cultura, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dLgqONJAjJ4&t=310s>. Acesso em: 6 de maio de 2023.

RASHID e DI MELLO. *Crônicas da Maldita Saudade Cidade: São Paulo Gravadora:Independente*.2013(4:03).

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismos cotidianos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.



**Ministério da Educação
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Conselho Acadêmico**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE CULTURA, LINGUAGENS E
TECNOLOGIAS APLICADAS
TECNOLÓGICO EM ARTES DO ESPETÁCULO**

COMPONENTE GCECULT289 - Obra de Convergência Artística (OCA)

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO DO COMPONENTE GCECULT289 - OBRA DE CONVERGÊNCIA ARTÍSTICA(OCA) DO
TECNOLÓGICO EM ARTES DO ESPETÁCULO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA.**

No dia 19 de maio de 2023 às 10h foi realizada, a sessão pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do Tecnológico em Artes do Espetáculo, intitulado O caminho da
SAL da arte da poesia até o vídeo, ^{orientadora} de autoria do(a) discente Gabriela Barbara Rodrigues de
Lima. Compuseram a Comissão Examinadora o(a) professor(a) Larissa Jacunda da S. Araujo, Orientador(a) e Presidente(a) da Sessão de Defesa e os professores(as) Manuela Rodrigues do Bonfim e Marcos dos Santos Santos. Uma vez iniciados os trabalhos foram realizados a apresentação pública da Obra de Convergência Artística e do Memorial Acadêmico, seguido dos questionamentos feitos pelos membros da Comissão Examinadora e da defesa pública pelo(a) discente. Depois deste momento, suspendeu-se a sessão por alguns instantes para reunião da Comissão Examinadora e emissão dos pareceres e notas. Retomada a Sessão de Defesa, o conceito atribuído ao trabalho foi:

- APROVADO
 APROVADO COM NECESSIDADE DE REFORMULAÇÃO
 REPROVADO

O trabalho atingiu a média geral 10,00, sendo a nota, a média aritmética das três notas dos(as) integrantes da banca (prevista no valor de 0,0 a 10,0). Nada mais havendo de digno de registro, a Sessão Pública de Defesa do TCC foi dada como finalizada e Eu, professor(a) Larissa Jacunda da S. Araujo orientador(a) e presidente(a) da banca lavrei a presente Ata, que vai assinada por mim pela coordenação do colegiado do curso, pelos membros da Comissão Examinadora e pela graduanda.

Carol P. Diniz
Larissa Jacunda
Marcos dos Santos Santos
Manuela Rodrigues do Bonfim
Gabriela Barbara Rodrigues de Lima